

EM BUSCA DAS FONTES ICONOGRÁFICAS DE ABY WARBURG: PRANCHA 55 DO ATLAS MNEMOSYNE E A PERSISTÊNCIA DO ANTIGO NA ARTE DE ÉDOUARD MANET¹

Maria Fernanda Ferrari Damaso², Luana Maribele Wedekin³

¹ Vinculado ao projeto “Em busca das fontes iconográficas de Aby Warburg: Peregrinações Epistemológicas”

² Acadêmico (a) do Curso de Design Industrial– CEART– Bolsista PROBIC/UDESC

³ Orientadora, Departamento de Design – CEART– luana.wedekin@udesc.br

Aby Warburg nasceu na Alemanha em 1866 e dedicou grande parte de sua vida à constituição de uma ampla e vigorosa biblioteca e aos estudos no campo da história cultural e da arte. Constituído com parte de seu legado, o Instituto Warburg em Londres é uma singular biblioteca multidisciplinar e um instituto de pesquisa que recebe estudiosos de todo o mundo.

Uma de suas principais obras de estudo e tema desta pesquisa é o *Atlas Mnemosyne* (1929). Esta obra consiste em cerca de 1000 imagens organizadas em 63 pranchas. Nelas, são propostos diálogos entre reproduções de obras de arte, mas também de uma diversidade de materiais como selos, oráculos, nas imagens da astrologia, registros de fatos históricos em jornais e revistas de grande circulação, utensílios como cálices, tinas, jogos de tabuleiro e mapas.

Dedicado a compreender o retorno das imagens da antiguidade pagã no Renascimento, Warburg percebeu a importância da espiral histórica cultural e da teia social neste período. Desse modo, buscou caminhos para explicar a razão pela qual a antiguidade se renovava nesse período artístico, e porque tais temas e fórmulas visuais persistiam nas imagens de outros períodos da história.

Nas pranchas que constituem o *Atlas Mnemosyne*, Warburg explicita o argumento visual de um dos seus conceitos mais fundamentais, o de *Pathosformel*, que consiste em imagens do antigo que reaparecem constantemente na linha do tempo artística, pois representam emoções e comoções humanas compartilhadas e vivenciadas em diversos momentos da história.

Para esta pesquisa de Iniciação Científica, o objetivo foi compreender a Prancha 55 do *Atlas Mnemosyne*. Esta leva o nome “O Julgamento de Paris: Ascensão e Queda dos Deuses”. Consiste no total de 18 imagens, que decorrem do Renascimento até a modernidade artística, representada por Édouard Manet (1832-1883). É importante ressaltar, que na Prancha 55 existe um diálogo entre quatro imagens específicas, o que se tornou o enfoque desta pesquisa.

Utilizando o mesmo método de estudo realizado pelo autor do *Atlas Mnemosyne*, foi organizado um banco de imagens, uma versão digital da Prancha 55^{1*} completa, na qual se pode visualizar e comparar imagens de maneira simples e didática. Assim, foram selecionadas, decifradas, relacionadas entre si, e observou-se suas semelhanças e diferenças, para melhores estudos. Além disso, como a ferramenta de design proporciona um esquema de sinalização, legendas e anotações, foi possível estudar o conteúdo de artigos, sinalizar e exemplificar os conhecimentos descritos por diversos estudos sobre o tema. A prancha 55 faz referência ao diálogo presentes entre quatro imagens: três delas levam o mesmo nome “*Giudizio di Paride*”, dos artistas Giulio Bonasone; Marcantonio Raimondi; Nicolaes Berchem; e a obra “*Déjeuner*

¹link:https://www.canva.com/design/DAFfVcQQ4NO/eXXcpw8xpm9eDr2s1Im5A/edit?utm_content=DAFfVcQQ4Q&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

sur l'herbe”, de Édouard Manet. Tais imagens, possuem uma *Pathosformel* em comum, razão pela qual coexistem na mesma prancha. No entanto, consistem em uma exemplificação de mudança energética histórica verificada na mudança sutil dessa *Pathosformel*.

Das quatro imagens, três referem-se ao tema mitológico do Juízo de Páris. A obra de Bonasone (figura1) foi realizada a partir da observação de um antigo sarcófago na Villa Medici, em fiel devoção divina do antigo. Nela vemos representada diversas alegorias de adoração, como a ascensão de Vênus, o julgamento de Paris, Júpiter em seu trono, sob ele o deus-céu e o deus-Sol. Além disso é de grande importância constatar a presença dos semideuses sentados à esquerda da imagem, ao lado das ninfas, ambos demonstrando devoção e comoção pela alegoria divina retratada.

Na gravura de Raimondi (Figura 2), vê-se um sarcófago antigo realizado a partir de um desenho de Rafael Sanzio. Nesta obra a alegoria do Julgamento de Paris aparece modificada: os semideuses e seu simbolismo foram alterados, pois deixam de contemplar a alegoria divina com gestos adoradores. Observa-se também a ninfa olhando para o espectador do quadro, dirigindo-se a um observador imaginário. É a primeira mudança energética na *Pathosformel*.

Na obra de Berchem (Figura 3), de 1630, os Deuses do Olimpo deixam de ser objetos de culto na obra. Ao invés disso, os Três deuses no rio demonstram interesse no cotidiano presente no mundo terreno. O antigo perde poder e para Warburg, esta pintura se configura em mais uma etapa para o processo que desemboca na pintura de Manet (Figura 4). Nesta última, datada de 1863, o contexto estético é de desafio às regras da tradição pictórica ocidental. Nela há uma clara referência formal às antigas obras sobre O Julgamento de Páris, no entanto, o homem e a mulher, antiga ninfa, se apresentam com vistas voltadas para fora do quadro. O “resto” da alegoria original é descartada, definindo apenas o humano como protagonista. Assim, presenciamos não apenas uma mudança energética, mas também uma inversão de antigos valores expressivos, fazendo referência a liberdade humana.

Com esta pesquisa, foi possível perceber quão atual persistem as conclusões de Aby Warburg e como a tecnologia (o uso de painéis configurados em ferramentas digitais) pode ser aplicada na metodologia para facilitar a realização de um estudo no qual respectivos materiais e alegorias não são familiaridade do nosso cotidiano brasileiro.



Figura 1. Giulio Bonasone, *Il giudizio di Paride*, aquaforte (30,4 x 45,9 cm.), 1565 ca. Verso: “Dal sarcofago di Villa Medici a Roma, lato giardino del casino. Si veda Robert, Sarkophag-Reliefe, II, Tav.



Figura 2. Marcantonio Raimondi (da Raffaello), *Il giudizio di Paride*, aquaforte (29,5 x 44,4 cm), 1530 c.



Figura 3. Nicolaes Berchem (da Marcantonio Raimondi), *Il giudizio di Paride*, dipinto, séc. XVII. Tivoli, Villa d'Este. In Tavola: riproduzione fotografica.



Figura 4. Edouard Manet, *Déjeuner sur l'herbe*, óleo su tela (207x265 cm.), 1863. Paris, Musée d'Orsay.